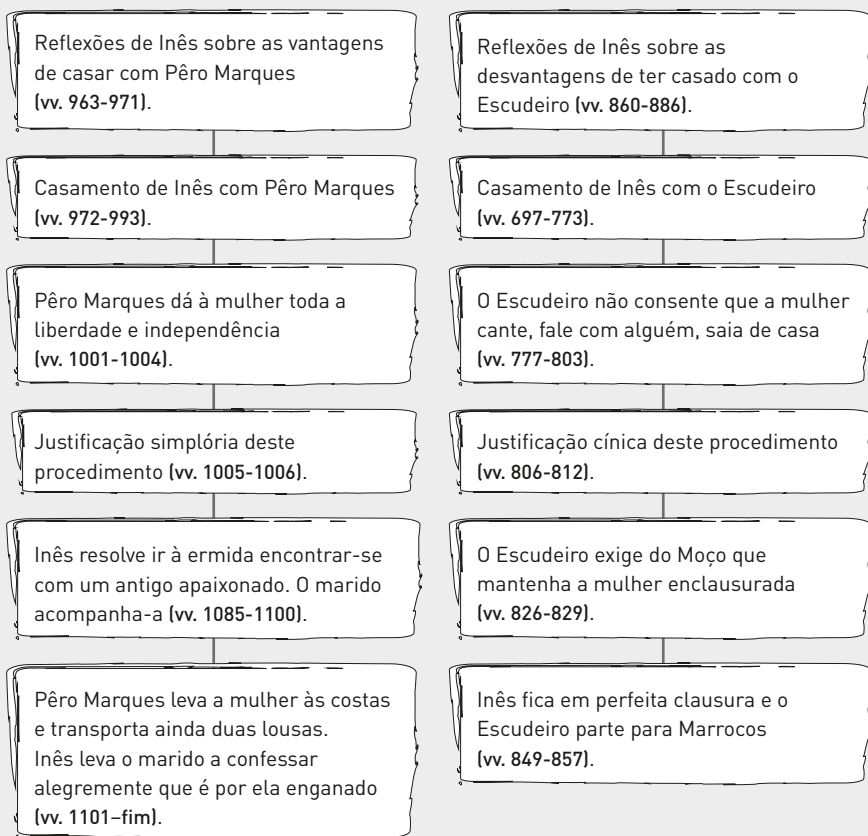


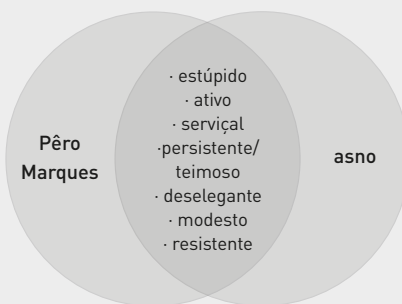
gil vicente

farsa de inês pereira



Como se vê, há perfeita simetria entre os dois ramos da comparação. Mas, tratando-se de uma comparação de superioridade – MAIS quero... QUE... – tornava-se necessário mostrar que Pêro Marques e Lianor eram superiores ao Escudeiro e Judeus casamenteiros.

Primeiramente, era preciso identificar Pêro Marques e o asno:

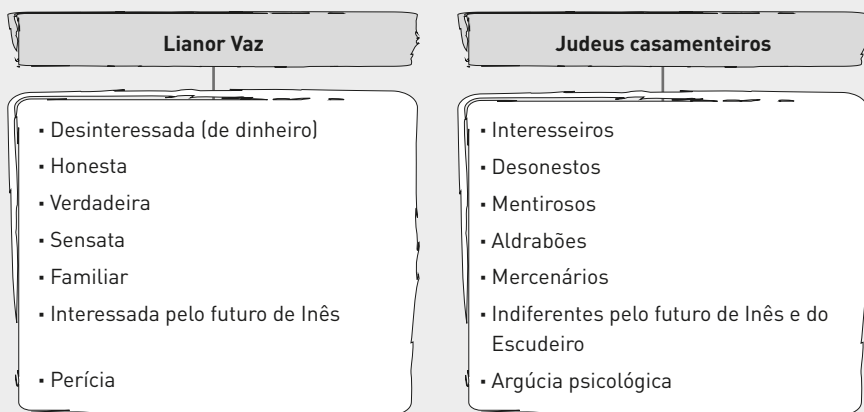


Depois era preciso identificar o Escudeiro e o cavalo:



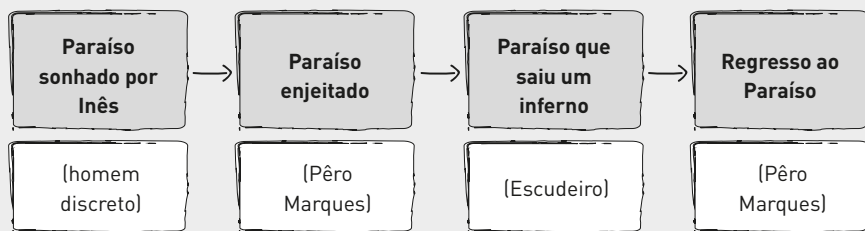
Temos de confessar que Gil Vicente ofendeu injustamente o cavalo, comparando-o a um homem que não tinha quaisquer virtudes. Aqui o autor falhou, não cumpriu o que se propusera. Para ilustrar o "que me derrube" bastava a escravização de Inês. Gil Vicente preocupou-se demasiadamente com vincar a inferioridade do Escudeiro em relação a Pêro Marques – ou deu largas à má vontade contra estes parasitas da Corte. E, simplista nos processos e nas finalidades, inimigo ou incapaz de cambiantes e conflitos dolorosos, quis estremar perfeitamente os campos em que manobram as duas alas dramáticas: o ódio mortal ao *cavalo* havia de conduzir fatalmente à aceitação total do *asno*.

Já me parece natural e traçada por mão de mestre a superioridade de Lianor Vaz sobre os Judeus casamenteiros:



Estabelecemos diferença entre mentirosos e aldrabões. É que estes Judeus não só mentem, como dizem apressadamente coisas mais ou menos desconexas e contraditórias que deslumbram ou entontecem o auditório.

Segundo as reações de Inês, podemos reduzir a peça aos seguintes quadros:



FIPER © Porto Editora

A Mãe, Lianor e os Judeus não têm praticamente nenhuma influência no desenrolar da ação. Inês não aceita conselhos de ninguém. A ação passa-se nela, só nela, entre dois polos opostos: ilusão e desilusão, o ótimo e o bom. E aqui Gil Vicente cumpriu magistralmente: na verdade, o "dito popular" não afirma que o *asno* é melhor que o *cavalo*. O cavalo é que seria ótimo, se não derrubasse. Foi esse cavalo seguro e leal que Inês sinceramente amou em sonhos de donzela. Mas teve de optar pelo asno serviçal a quem nunca poderia amar. A felicidade que não podia encontrar no amor procurou-a na vingança, na divina vingança, profunda como o seu desencanto.

Serviu-se Gil Vicente, para a elaboração desta peça, dos ingredientes mais vulgares da sua obra: o rústico papalvo, a alcoviteira, o escudeiro. Cumpriu. Cumpriu a sua promessa com notável felicidade e simplicidade. E se a peça está cheia de inverosimilhanças, isso não significa incapacidade, mas utilização dos processos usados na época. Ou melhor, dos processos que, apesar de tudo, ainda se não usavam na época.

5.3. Relações entre as personagens

Na *Farsa de Inês Pereira* podemos distinguir diferentes relações entre as personagens. Mas, sendo Inês a personagem principal da peça, importa ver que relações é que ela estabelece com as outras personagens que orbitam em seu redor. Para isso, tentemos encontrar respostas para as seguintes questões:

- Qual a relação entre Inês e a Mãe?
- Como é a relação entre Inês e o Escudeiro?
- Como evolui a relação entre Inês e Pêro Marques?

A relação entre Inês e a Mãe é marcada pela hierarquia e autoritarismo e exemplifica bem o típico conflito de gerações. Inês sente que a Mãe domina a sua vida e a mantém cativa em casa ("*Coitada, assi hei de estar / encerrada nesta casa / como panela sem asa / que sempre está num lugar?*", vv. 12-15.) A Mãe, por sua vez, queixa-se da preguiça da filha e dá-lhe conselhos que esta ignora.

A relação entre Inês e o Escudeiro é mais complexa. Inês começa por ver no Escudeiro uma espécie de libertador, pois encara-o como uma forma de escapar ao cativeiro. No entanto, após o casamento, rapidamente percebe que ele, tal como a Mãe, a quer recolhida em casa e não passa de mais um opressor na sua vida (*"Ó esposa, não faleis, / que casar é cativeiro."*, vv. 728-729). Assim, todas as suas expectativas, até mesmo a de elevação social, se revelam decepcionantes (e é da decepção que nasce em Inês um novo projeto de vida que vai ser determinante para o desfecho da intriga...).

A tirania, a prepotência, a violência e a subserviência marital caracterizam a relação de Inês e o Escudeiro e, em desespero, ela chega mesmo a desejar-lhe a morte (*"Juro em todo meu sentido / que se solteira me vejo"*, vv. 878-879). No fim, Inês constata que o Escudeiro não passa de um poltrão que com ela era autoritário e forte, mas na batalha foi fraco e cobarde (*"vosso marido fugindo / da batalha pera a vila, / a meia légua de Arzila / o matou um mouro pastor."*, vv. 913-916), bastando um simples "pastor" para lhe pôr termo à vida.

Se, na relação entre o Escudeiro e Inês, há um desequilíbrio de forças, em que Inês era o elo mais fraco; na relação de Inês com Pêro Marques, há uma desigualdade emocional – Pêro Marques gosta de Inês, mas Inês desrespeita-o e trai-o (*"Sempre fostes percebido / pera cervo."*, vv. 1136-1137).

Inicialmente, Inês vê Pêro Marques como um pretendente rude, ingênuo e sem maneiras, com o qual zomba. Pêro Marques era, em tudo, o oposto do tipo de homem que Inês idealizara para marido. Mas, depois da experiência com o Escudeiro, Inês como que revê os seus critérios e passa a encará-lo como o marido perfeito para poder levar a vida que quer (*"Quero tomar por esposo / quem se tenha por ditoso / de cada vez que me veja. / Por usar de siso mero, / asno que me leve quero / e não cavalo folão."*, vv. 964-969).

5.4. A representação do quotidiano

Como vimos, a farsa, para além de refletir uma clara intenção satírica, explora situações da vida quotidiana. No caso do texto da *Farsa de Inês Pereira*, o quotidiano representado refere-se à época de Gil Vicente, aqui, mais concretamente, ao primeiro quartel do século XVI, pois esta farsa foi levada a cena em 1523.

Não faltam exemplos, ao longo da farsa, de hábitos de vida e de costumes do dia a dia da época e Mestre Gil soube dar-lhes uma segunda dimensão, ao associá-los a personagens-tipo (estas sintetizam em si funções sociais, estilos de vida, trejeitos... típicos de um grupo social, profissional ou outro), concretizando assim também a intenção satírica da obra. Vejamos casos concretos: